

JOÃO: Segue por essa linha ou por aquela. Eu não sei o que aconteceu com o Flávio.

AUGUSTO: Uhum.

JOÃO: O que eu posso acrescentar é que o Flávio era muito ciumento. Isso eu convivi com ele e sei. Eu cheguei até a morar na casa dele uns três meses em Belo Horizonte.

AUGUSTO: Aham.

JOÃO: Quando ele foi cassado, eu trabalhava com ele, eu fui perseguido aqui também.

AUGUSTO: Sim.

JOÃO: E fui trabalhar em Belo Horizonte. E lá ele me ajudou. Era muito boa pessoa, me ajudou até o fim. Ele trancava a casa, levava a chave e a esposa dele só saía com permissão dele.

AUGUSTO: Sim. Esse ciúme dele era, o senhor percebia ele antes dele ter sido preso ou é um ciúme que foi desenvolvido ou apareceu após a cassação do mandado?

JOÃO: Aqui em Três Marias não apareceu, não, porque eu quase não ia na casa dele, cidade era recém criada, pequenininha.

AUGUSTO: Uhum.

JOÃO: Ele ia à pé pra prefeitura, não tinha carro, eu também ia à pé, a gente ficava só na prefeitura. Pouco eu tive convívio na casa dele, era só pra chamar uma vez ou outra, mais nada. Eu soube desse ciúme morando em Belo Horizonte, que ele trancava a casa. Um dia ele me acordou cinco horas da manhã para ir na casa da dona, que era a casa alugada, a que ele morava, ele me chamou pra ir na casa da dona da casa, proprietária da casa, para dizer para ela umas verdades. Eu não entendi nada, fui, acompanhei, fiquei de lado e ele falou uma série de coisas pra dona, que ele não queria que frequentasse a casa dele sem a permissão dele, que acho que ela tinha a outra chave e a abriu a porta lá pra alguém entrar. E ele falou nervoso com ela que enquanto ele era inquilino, ele mandava na casa, que ela não abrisse a porta da casa pra ninguém, porque só ele podia fazer isso. Isso eu presenciei.

AUGUSTO: Isso morando na Rua Itapemirim, no apartamento?

JOÃO: Não, lá no São Geraldo.

AUGUSTO: Ah, sim.

JOÃO: Lá no bairro São Geraldo.

MANOEL: Me permite, João, uma informação a esse respeito? E Augusto. Primeiro eu quero registrar que eu era juvenzinho quando vi pelo noticiário da televisão, por telejornal, os telejornais da Rede Globo, das 8 horas, ainda devia ser aquele telejornal do Sérgio Chapelin e Cid Moreira, a chamada, eu tava na minha casa, tava sozinho na sala, juvenzinho, não conhecia a história de Três Marias ainda, eu vim do interior, da roça, fui nascido em fazenda e sou de 62, então 64

quando Flávio foi cassado, eu tinha um ano e pouco. Mas ainda juvenzinho, eu vi a chamada do falecimento, aí a notícia deu essa versão inicial, de que o prefeito, ex-prefeito de Três Marias, Flávio Ferreira, havia matado a esposa e suicidado. E eu vi a imagem dos caixões cobertos, os dois caixões cobertos com bandeiras do Brasil, sendo tirados do veículo funerário e descidos pra tumba no enterro ocorrido na Várzea da Palma. Eu não compreendi aquilo tudo, mas eu vi a notícia e corri pra dentro da casa e falei pra minha mãe: “mãe, falou na televisão ali que o ex-prefeito de Três Marias, Flávio Ferreira, matou a esposa e suicidou”, ela falou: “mentira, menino!”, tá vendo? Quer dizer, ela estranhou aquela notícia doida, né. Bom, mas eu quero, então quer dizer que eu não conheci Flávio e não tenho informações a respeito dele de conhecimento, mas conversando com a Zélia, João, sobre essa pergunta sobre se seria antigo ou não esse ciúme, conversando com a Zélia Moreira, já na fase que ela também tava escrevendo o livro dela, Zélia Moreira é outra trimariense, e não sei se é daqui, mas a história é daqui, né, esse que eu tô falando é da prefeitura, aposentada, não é, João?

JOÃO: É.

MANOEL: Zélia Moreira, e também escreveu um volume de história de Três Marias. E conversando com ela, ela me relatou que esse ciúme do Flávio tinha registro quando ele era prefeito daqui. Segundo ela, ele morou ali na rua, quanto a isso você tem registro, morou ali na rua, no baixo da Rua Matozinho...

JOÃO: Matozinhos.

MANOEL: Ali por volta daquele local ali que é, que era antiga delegacia, que foi propriedade do Nuzinho, por ali, não era? Que ele teria morado por ali, segunda ela, ele teria morado por ali.

JOÃO: Morou na rua da prefeitura, Marechal Deodoro.

MANOEL: Foi na Marechal?

JOÃO: Foi na Marechal.

MANOEL: Ele não morou ali embaixo, não?

JOÃO: Ali perto, de frente o antigo bar da Dona Celeste.

MANOEL: Ele morava quase em frente a antiga prefeitura?

JOÃO: Quase de frente o bar da Dona Celeste.

MANOEL: Não, ali era prefeitura. Eu falo assim, onde ele morava.

JOÃO: Pois é, morava ali em frente ao bar da Dona Celeste, mais embaixo, no começo da rua.

MANOEL: Ah, sim. Na mesma rua que era a prefeitura antiga.

JOÃO: Na mesma rua que era a prefeitura.

MANOEL: Sim. Ele nunca morou... Então é porque eu me confundi a respeito do local de morar, mas ela disse que ele fechava a esposa quando ia pra prefeitura e...

JOÃO: Isso era verdade.

MANOEL: E as meninas, aquele costume de fechar a esposa e as duas meninas em casa. Não sei se ainda tinha o rapazinho, acho que não tinha ele ainda.

JOÃO: Tinha não.

MANOEL: É, que ela comentou sobre as duas meninas, que ele fechava a esposa e as duas meninas em casa quando ia pra prefeitura, e que às vezes elas queriam resolver alguma coisa e que elas apareciam pela janela e conversavam com a pessoa que tava do lado de fora para ajudar a encaminhar alguma coisa, falar com o Flávio etc., que ele tinha já esse...

JOÃO: Hábito.

MANOEL: Esse hábito, esse costume de fechá-las em casa. O registro de Zélia Moreira, que trabalhou na prefeitura na época que os conheceu. Então só queria registrar essa conversa com ela, essa informação que ela, conversando comigo, me passou certa feita.

AUGUSTO: Agora o que eu queria comentar é que o Flávio foi cassado em 64. Quando o Flávio foi cassado, ainda não tinha nascido a filha mais velha.

JOÃO: Isso.

AUGUSTO: A filha mais velha nasce depois, e ele não volta a morar aqui, então...

MANOEL: Ah, não tinha as filhas?

AUGUSTO: Não tinha as filhas.

MANOEL: Ah, então essa informação...

AUGUSTO: A esposa estava grávida.

MANOEL: Então era só a esposa, não sei. Mas ela falou disso, então ela pode ter confundido essas coisas também.

JOÃO: Ou a história pode ter ocorrido lá, né.

MANOEL: É.

JOÃO: Em Belo Horizonte, você pode estar em questão de localidade.

MANOEL: Não, ela me falou disso, que ele ia pra prefeitura e fechava a esposa com filhos, ou ela misturou ou eu tô misturando filhas. Mas de fechar a esposa, eu lembro que ela falou.

MANOEL: Vamos nos ater aos relatos do João, porque com o Manoel eu quero explorar mais o Manoel lá na rádio, ele tá coordenando lá pra gente.

AUGUSTO: Mas, outra questão, por que o Flávio vem parar em Três Marias?

JOÃO: O Flávio ganhou o Prêmio Esso de Reportagem.

AUGUSTO: Sim.

JOÃO: Ficou famoso.

AUGUSTO: Sim.

JOÃO: Candidatou-se a prefeito de Corinto e perdeu.

AUGUSTO: Ele não foi vereador em Corinto?

JOÃO: Não, candidatou-se a prefeito e perdeu.

AUGUSTO: E ele tinha morado em Corinto, né?

JOÃO: Tinha, a família dele era de Lassance e mudaram para Corinto com ele pequeno.

AUGUSTO: É.

JOÃO: Aí aqui emancipou, nesse período que ele candidatou a prefeito de Corinto, só que formou a comissão de três membros políticos e foram a Corinto convidar o Flávio a ser candidato a prefeito de Três Marias, foi logo depois da eleição de Corinto, que ele tinha perdido.

AUGUSTO: Uhum.

JOÃO: Como ele tava sentido, por ter perdido a eleição de Corinto, ele aceitou.

MANOEL: E esse segmento aqui com certeza tinha votado dele, né, porque tinha relação, simpatia por ele.

JOÃO: Tinha.

MANOEL: Esse segmento que o convidou, na eleição de lá deve ter votado nele.

JOÃO: Pode ter sido.

MANOEL: É, já tinha uma relação com ele, né.

JOÃO: Ele aceitou, disputou e ganhou a eleição aqui.

AUGUSTO: Sim. E ele conhece a Doraci antes... Ele conhece a Doraci, ele encontra com a Doraci onde? Em Corinto, em Várzea da Palma...?

JOÃO: Isso é uma história que já é anterior...

AUGUSTO: Anterior.

JOÃO: À prefeitura daqui.

AUGUSTO: Quando ele chega em Corinto, ele já tava casado, né?

JOÃO: Não, ele foi pra lá novo, menino.

AUGUSTO: Não, quando ele, quando vai disputar a prefeitura de Corinto.

JOÃO: Ah, sim. Aí já não sei. A vida do Flávio fora de Três Marias eu só convivi com ele três meses em Belo Horizonte.

AUGUSTO: Aham. Uma outra dúvida que eu tenho é o seguinte: o senhor fala da ida dele pra Brasília liderando uns prefeitos de municípios recém emancipados de Minas Gerais.

JOÃO: Isso.

AUGUSTO: Não é? 116, mais ele, 117.

JOÃO: Exato, certo.

AUGUSTO: E os jornais, os jornais falam que ele estaria liderando prefeitos de outros estados.

JOÃO: Não.

AUGUSTO: Não, né?

JOÃO: Não.

AUGUSTO: Essa reunião com o João Goulart é só prefeitos de Minas Gerais.

JOÃO: Eu sei, porque ele incumbiu a mim, que era secretário dele, de receber os prefeitos aqui na prefeitura e levá-los para almoçar no restaurante da Satélite, antiga Vila Satélite, que era uma vila comunitária de operários da usina, que a prefeitura iria pagar. Ele me disse: “hoje eu preciso que você receba os prefeitos”, eram de Minas, “que vão vir em três ou quatro ônibus. Ofereça o almoço, assina a nota lá, quando eu chegar eu acerto”, e foi, e disse: “eu vou pra Brasília três dias antes preparar todo o trabalho de hospedagem em Brasília, transporte, contatos, porque eles vão ficar com raiva de mim, porque eu não vou pagar coisa nenhuma. EU não vou pagar coisa nenhuma. Eles vão ficar com raiva de mim. Desculpa, eu cometi um erro. Não leva eles pro restaurante, não, fala que você não tem ordem, que cê não sabe de nada. Que eles vão ficar com raiva de mim. Mas como eu vou fazer um trabalho de preparo lá pra facilitar pra todo mundo, vou recuperar o prestígio de lá”, que tinha sido eleito o líder deles em Belo Horizonte, na reunião com o governador Magalhães Pinto. Então quando ele viajou eu desrespeitei a ordem dele, porque eu fiquei muito apavorado, pensei: “como é que eu vou fazer?” Tinha um fiscal chamado Dimas, me gozava o tempo todo: “e o nosso almoço? Como é que vai ser?”. E eu, apavorado com aquilo, quando foi no dia chegaram três ônibus enfileirados, um atrás do outro. E os prefeitos gritando lá da rua: “Oh Flávio, oh Flávio, vamos almoçar” e tal. E eu falei, eu tinha encomendado ao dono do restaurante que ele que pagaria, eu que falei isso. Se ele, prefeito, não pagasse, eu pagaria. O dono do restaurante chamava-se Nuzinho, Floriano Caetano Pereira, falecido há pouco tempo, ficou meio na dúvida, mas aceitou. Eu assinei um documento lá autorizando o almoço. Os prefeitos todos almoçaram, surubim, que era famoso aqui, dourado e surubim, e chegaram em Brasília e abraçaram o Flávio, agradecendo pelo almoço que eles receberam, que foi muito gostoso. Aí o Flávio me agradeceu depois e disse: “aí eu descobri que você tinha desobedecido minhas ordens, mas graças a Deus, porque eles consolidaram as minhas lideranças e eu pude fazer o discurso pro João Goulart e fiz ele chorar, igual eu tinha prometido a você”, ele tinha falado isso comigo.

AUGUSTO: Uhum.

JOÃO: “E liberou o cheque nosso, já está aqui comigo, vou depositar no banco da lavoura”, que era o banco que tinha aqui, “os dos outros prefeitos vai depois, o meu veio na mão, porque você liberou o almoço pra eles aqui, eles continuaram com a simpatia comigo, me abraçaram quando chegaram lá, aceitaram minha liderança, me indicaram pra falar com o presidente e eu falei”. Então, por essa razão que eu posso te afirmar, isso eu sou testemunha, que ele liderou os prefeitos de Minas Gerais.

AUGUSTO: Uhum.

JOÃO: 116 prefeitos.

AUGUSTO: Uhum. O senhor disse que teve um contato posterior com ele em Belo Horizonte.

JOÃO: Foi. Morei na casa dele.

AUGUSTO: Morou na casa dele. O senhor vai para Belo Horizonte para trabalhar com ele? Ou...

JOÃO: Eu fui pra procurar emprego, porque em seguida que ele foi cassado, eu também fui perseguido pela revolução, mas como eu era um bobinho, um rapazinho novo, não entendia nada de prefeitura, não tinha contato nenhum político com ninguém, eles não acharam nada contra mim, não fizeram nada contra mim, apenas me fecharam as portas em Três Marias.

AUGUSTO: Sim.

JOÃO: Eu trabalhei na Companhia Mineira de Metais um ano, mas totalmente isolado. Aí eu senti que não dava certo, decidi sair e fui para Belo Horizonte para trabalhar. O Flávio falou: “eu te ajudo, pode vir, eu te ajudo, cê fica na minha casa até ocê arrumar emprego”, eu fiquei na casa dele e ele, muito inteligente que era, tinha um programa “Cabral descobre tudo”, na rádio Itatiaia, e tinha um capitão do corpo de bombeiros, que era compositor, era da banda de música do corpo de bombeiros.

AUGUSTO: Uhum.

JOÃO: E o Flávio contactou com ele, falando que ia tocar as músicas dele na rádio, ele ficou muito entusiasmado e me arrumou uma vaga no corpo de bombeiros. Mas eu não gostava de militar, aquilo tava me contrariando. O capitão mandou eu para uma secretaria lá e me deu uma relação de documentos que eu tinha que levar na próxima segunda feira. O Flávio falou: “ó, João, cê tá empregado, é só fazer esses documentos que o capitão, mediante as músicas que eu vou tocar dentro da rádio, eu vou tocar, ele vai ficar satisfeito e vai até te apadrinhar lá dentro. Cê segue sua vida, fica tranquilo, vai dar tudo certo”. Eu fiquei com vergonha de novo do Flávio, pensei: “vou sair da casa do Flávio”. Eu tinha um primo em Belo Horizonte, aí eu fui na casa do meu primo e perguntei se ele aceitava eu morar com ele uns dias até eu arrumar um emprego,

ele disse que sim. Eu saí da casa do Flávio escondido, porque eu não ia para o corpo de bombeiros, não fui. Eu não arrumei documento nenhum. Não apareci mais no corpo de bombeiro e nem pro Flávio.

AUGUSTO: Você não se interessou?

JOÃO: Não me interessei pelo emprego, porque eu não gostava de militar, eu tinha... Eu sofri demais com o Golpe, apesar que não fui preso, mas fui interrogado várias vezes, ameaçado pelos investigadores do DOPS.

AUGUSTO: Os problemas de saúde do seu pai, que...

JOÃO: O meu pai adoeceu na hora e nunca mais trabalhou, minha mãe ficou sofrendo comigo e com minhas irmãs, que eu tinha duas irmãs na época. E eu fiquei com ojeriza de militar, do Golpe Militar, e por isso eu saí desse emprego de corpo de bombeiros e saí da vida do Flávio. Voltei, trabalhei por minha conta. Fiz pesquisa no pequenos anúncios no Estado de Minas e tinha vaga pra auxiliar de escritório da Mendes Júnior, eu fiz o teste e fui aprovado, trabalhei lá um ano e veio a companhia pra aqui, chamava Construtora Pilar, que construiu aquelas casas de alvenaria da Cemig. Eu fiz teste nela, passei, saí da Mendes Júnior, vim de novo pra Três Marias e fiquei, e voltei a trabalhar na prefeitura com o prefeito Adão de Almeida e Silva, aí já é outra história.

AUGUSTO: Sim. Então essa ida do senhor para Belo Horizonte ficando com o Flávio é logo após ele ter sido solto, né?

JOÃO: Não, não, não.

AUGUSTO: Que ano que é?

JOÃO: Foi um ano depois.

AUGUSTO: Um ano depois.

JOÃO: Eu trabalhei na mineira de metais um ano.

AUGUSTO: Sim. Ele, nessa ocasião, ele conversava com o senhor sobre o acontecido? Sobre o fato dele ter sido preso? Ele comentou, por exemplo, ter sido torturado?

JOÃO: Não, ele não comentou que foi torturado, não.

AUGUSTO: Não, né.

JOÃO: Ele disse que ficou preso com padres, escritores, jornalistas, advogados, com gente de alta formação.

AUGUSTO: Sim.

JOÃO: Mas ele não falou nada sobre tortura, não.

AUGUSTO: A filha dele, num depoimento dentro do processo, fala que ele tava, a filha afirma que ele foi torturado, que ele tava magro, que ele tava debilitado, reclamando de dores no ouvido por causa de pancadas. Ele nunca comentou nada disso com o senhor?

JOÃO: Não. Inclusive, assim que ele foi solto, um mês depois ele veio aqui em Três Marias, na minha casa. Ficou hospedado na minha casa com a esposa.

AUGUSTO: Uhum.

JOÃO: Veio para falar com o prefeito que ficou no lugar dele, o Duque Alexandre, falecido Duque Alexandre, Durval Alexandre de Oliveira.

AUGUSTO: Uhum.

JOÃO: Ele falou comigo: “vamos comigo pra prefeitura, João”, eu tava trabalhando na Companhia Mineira de Metais, eu falei: “Flávio, mas cês, eu vou perder um dia de serviço”, “não, mas eu preciso de falar umas palavras com o Duca, e quero a sua companhia”, eu falhei de serviço e fui com ele à prefeitura. Ele tava bom, perfeito, fisicamente perfeito, não queixou dor nenhuma, naquele tempo não tinha táxi aqui, era tudo muito atrasado, nós andamos de lotação uma parte do caminho e à pé a outra, fomos até a prefeitura, ele falou umas palavras ásperas pro Duca, falou que ele era um analfabeto, que ele ia se dar mal, que dirigir um município não é dirigir uma roça e umas outras coisas, aqui não interessa, desabafou, desafogou o que ele tinha que falar e pediu ao Duca que transmitisse aos vereadores que cassaram ele, e pediu pra ir embora de novo. Fomos na casa dele, ele falou: “João, só volto a Três Marias quando eu tiver um carro”, despediu de mim, da minha família e fundou o jornal Minas em Ação.

AUGUSTO: Em Belo Horizonte.

JOÃO: Em Belo Horizonte. E trabalhou muito aqui no interior, em Unaí, João Pinheiro...

AUGUSTO: Uhum.

JOÃO: Essa parte do noroeste de Minas, ele trabalhou com o jornal dele fazendo reportagem.

AUGUSTO: Esse fato dele vir aqui foi depois que o senhor morou com ele lá, né?

JOÃO: Não, foi antes. Ele veio aqui um mês depois que ele foi solto.

AUGUSTO: Tá. Certo.

JOÃO: E eu morei com ele um ano depois que eu trabalhei na Companhia Mineira de Metais e saí.

MANOEL: Ele ficou quanto tempo preso?

AUGUSTO: Menos de 40 dias?

JOÃO: Menos de 40 dias.

AUGUSTO: É, quase 40.

JOÃO: Ele me pediu uma... Ele mandou um irmão dele aqui, um padre, padre Zezé, despistado de mendigo. Nós estávamos em casa, eu, meu pai e minha mãe, minhas irmãs, quando batem na porta, quando eu abro era um mendigo, todo, roupa toda suja, rasgada. Eu assustei, ele falou: “calma, eu sou o Padre Zezé, sou irmão do Flávio, ele me mandou aqui, me recebe, por favor”, eu acabei de abrir a porta, ele entrou, nós fechamos a porta porque a gente era vigiado, ele falou: “olha, o Flávio pediu pra vir aqui pegar com você, com a Dona Ivanilde”, escrevã até hoje aqui em Três Marias, “umas certidões falando bem dele, pegar com Nozinho, vereador tal, tal, tal, que eu não sou comunista, que eu sou boa pessoa etc., etc.”, eu datilografei essas certidões lá na companhia que eu trabalhava, à noite eu ia na casa da dona do cartório, ela reconheceu a firma, porque ela era muito amiga do Flávio, porque foi o Flávio que trouxe ela pra cá.

AUGUSTO: Uhum.

JOÃO: E com essas certidões ajudou ele um pouco a se libertar da prisão, porque eram todas favoráveis a ele, todas, vereadores, comerciantes...

AUGUSTO: Depois que o senhor sai da casa do Flávio, um ano depois da cassação do mandado, o senhor reencontra com ele? Não, né?

JOÃO: Muitas vezes. Ele passava aqui, todas as vezes que ele ia viajar pra Unai ele passava aqui.

AUGUSTO: Sim.

JOÃO: Ele ia no colégio que eu estudava à noite, quando era à noite. Quando era de dia ele almoçava aqui, passava lá em casa, me apanhava, quando coincidia o horário, pra gente conversar. Ele alegre, satisfeito, dizia que tava vencendo de novo, me convidada para ir no escritório dele em Belo Horizonte, sempre passava aqui, a gente se via no máximo de três em três meses.

AUGUSTO: Uhum. Quer dizer então que o senhor não percebe uma acentuação de desespero dele com a nova atividade, não?

JOÃO: Não, ele tava muito feliz, muito alegre com o jornal que ele fundou, Minas em Ação.

AUGUSTO: Ele falava em voltar à política?

JOÃO: Não, nunca falou em voltar à política.

AUGUSTO: Mas ele, é como se ele tivesse desistido ou ele só omitia o fato?

JOÃO: Omitia o fato. Não falava nada sobre política.

AUGUSTO: Tá. Ou seja, o senhor não tem nenhuma percepção de um eventual desequilíbrio emocional ou psíquico dele...

JOÃO: Não, não!

AUGUSTO: Que pudesse levar depois a uma...

JOÃO: Não, não. O Flávio era perfeitamente lúcido, normal, recebia os político daqui, que era amigo dele, para dar orientação em Belo Horizonte.

MANOEL: Deixa eu fazer uma pergunta nessa linha aqui...

AUGUSTO: Pois não.

MANOEL: Você já respondeu, mas quero pegar um outro detalhe de resposta sua: ele não manifestou nenhuma contrariedade, constrangimento em ter de sujeitar-se, a submeter-se aos repressores em Belo Horizonte trabalhando pra eles nessa nova fase? Os mesmos repressores que o haviam cassado aqui? Ainda que não as mesmas pessoas, mas os mesmos repressores, o mesmo regime, em ter de sujeitar-se, submeter-se, trabalhar pra eles nessa reconstrução da vida? Ele não manifestava constrangimento, aborrecimento quanto a isso?

JOÃO: Não, ele trabalhava lá pra região de Unai.

MANOEL: Não, em Belo Horizonte, quando ele foi fazer aquele jornal, que publicava para os militares. Um vez o senhor vira e fala, comenta isso.

JOÃO: Ele publicava, ele não mostrava constrangimento nenhum, era neutro, cê não via nada no Flávio que dizia o que ele foi, o que ele passou. Era equilibrado, falava normal, não era nervoso...

MANOEL: Quando ele fundou o jornal, que ele trabalhava para os militares, publicava pra eles, ele recebia da (trecho incompreensível) ele não manifestou contrariedade quanto a isso não.

JOÃO: Não, nenhuma, nenhuma.

AUGUSTO: É porque me interessa muito essa linha, porque o seu depoimento, do seu livro, cê mostra a ambição que o Flávio tinha na carreira política, não é? Tanto que ele abandona o jornalismo, ele abandona o jornalismo no auge, no auge...

MANOEL: Do prêmio, né.

AUGUSTO: Com o prêmio na mão, né.

JOÃO: Prêmio Esso de Reportagem...

AUGUSTO: O prêmio Esso Reportagem.

MANOEL: Pra vir ser prefeito na roça.

AUGUSTO: Pra vir ser prefeito na roça. E ele volta falando: "eu vou ser deputado estadual", não é? E não era um sonho, não, era uma coisa real.

JOÃO: Ele tinha um sonho de ser político.

AUGUSTO: Ele tinha um sonho de ser político, por isso que eu fico pensando na eventual frustração que ele teve em ter que voltar para o jornalismo, talvez numa situação até pior, né, abandonando o grande sonho dele, que era política.

MANOEL: Quando ele voltou pro jornalismo, ele não quis mais ser deputado, não?

JOÃO: Não, ele nunca mais falou em política. Nunca mais.

MANOEL: Ele queria ser deputado só enquanto tava liderando prefeitos?

JOÃO: Quando ele foi à Brasília representando os prefeitos.

MANOEL: É, após a cassação ele desistiu?

JOÃO: Desistiu, totalmente. Comigo ele nunca falou.

MANOEL: E não manifestava frustração quanto a isso também, não?

JOÃO: Não, era normal, ria, tranquilo, brincava, era torcedor do América, o goleiro do América era o Neneca, ele dizia: “encontrei com Neneca ali agora, dei um abraço nele”, era feliz, era um homem equilibrado.

AUGUSTO: Uhum.

JOÃO: O que me estranhou a notícia que eu recebi dessa coisa do assassinato e do suicídio. Como é que pode? O Flávio era normal!

AUGUSTO: Uhum.

JOÃO: Só um desequilibrado é que faz uma coisa dessa, e ele não era isso.

MANOEL: É, mas é estranho, né.

JOÃO: É muito estranho! Até hoje não tem uma verdade clara nua e crua.

MANOEL: Ele estar normal também é estranho. Ele se comportar com alegria nessa nova fase, sem constrangimento, sem aborrecimento e submeter-se aos repressores, em desistir da carreira política sem demonstrar frustração com isso, também não é normal. Então não é só o suicídio, esse fato também não é normal, essa condução tem algo...

JOÃO: Mas ele vence no jornalismo particular. comprou apartamento, ficou rico...

MANOEL: Oh, João, o que me despertou a curiosidade de mexer nesse caso, quando da vinda do deputado Durval Ângelo à Três Marias, há cinco anos atrás, acompanhado do Manoel, e eu presenteei com um livro seu e solicitei ele então representante da Comissão da Verdade em Minas, mas o que me despertou... Eu recebi do Pedro Falcão, um dos pioneiros nossos também aqui de Três Marias, o exemplar de, salvo engano, da revista Cruzeiro e do jornal da época e uma explicação muito detalhada sobre esse crime, o que leva a gente a desconfiar da explicação, de que o Flávio estava altamente violento...

JOÃO: Não, não.

MANOEL: Estava contrariado...

JOÃO: De jeito nenhum.

MANOEL: Que estava frequentando sessões de magia negra...

JOÃO: Nada disso!

MANOEL: E se envolvia em constantes brigas e desafetos com esposa. Era muito detalhado! Quando eu li, a gente desconfia, porque...

AUGUSTO: Sabiam demais, né? A imprensa sabia.

MANOEL: É, você vê aí um boletim de ocorrência de 32 páginas. Obviamente foi produzido, né, pra dar uma conotação que não a verdadeira, né? Então eu desconfiei da matéria por isso. Aí o Manoel vai e fala sobre isso, que tá muito estranho essa colocação, mas foi muito bem explicado na matéria, e essa explicação bem detalhada eu fiquei a pensar, tá, Augusto? Você que tá aí investigando vários outros casos, é que me levou a crer que foi plantado a explicação, né. A gente vai juntando as peças, né.

JOÃO: Pra provar que ele não tinha a ojeriza que você falou, ele trabalhava muito com o Inbra, publicava muita matéria do Inbra para os fazendeiros de Unaí, Uruçuia, essa região aqui.

MANOEL: Ele ia pra lá colher matérias?

JOÃO: Exatamente, e tinha muito apoio em Brasília do Inbra. E não tinha constrangimento nenhum.

MANOEL: O Inbra é governo militar também.

JOÃO: Governo militar.

MANOEL: E recebia os pagamentos do Inbra.

JOÃO: Recebia. E era um homem...

MANOEL: E fazia sem constrangimento?

JOÃO: Sem constrangimento nenhum, normal. Igual o Augusto aqui, que eu tô conversando agora. A gente não lia nada através da fisionomia do Flávio.

AUGUSTO: Pois é, fazendo um paralelo entre a situação do Flávio e a sua, né. Você, muito mais jovem, sentiu muito menos essa, o peso dessa interferência e se recusa a trabalhar para corpo de bombeiros, que, em princípio, é a parte militar menos militar, né?

JOÃO: É.

MANOEL: E que não participou disso.

AUGUSTO: E que não participou disso.

JOÃO: É.

AUGUSTO: E o Flávio, paralelamente, sente mais os efeitos desse golpe e não demonstra nada, e não acontece nada, por quê? Porque não sentia mesmo ou porque tava...

MANOEL: Ele administrava isso.

AUGUSTO: Ele administrava isso, né? Porque quando você chega e fala assim: “eu não vou trabalhar nos bombeiros”, cê tá salvando sua vida, porque ocê não vai ter que engolir isso e amargar isso e um dia suicidar.

MANOEL: Ser dominado por...

AUGUSTO: Ser dominado.

MANOEL: Por sentimento incontroláveis.

AUGUSTO: Agora, o Flávio, na hora que ele vai trabalhar para os militares, para quem o tirou da política, né, de cara boa, né? De cara boa, tendo que achar bom ainda, cê vai imaginar o quê? Ou ele era uma pessoa com essa característica, não importar com isso, passar por cima disso, vamos dizer assim, né, superar isso, ou tá amargando isso, né?

MANOEL: Ele mesmo se violentou muito, né. Ou de fato não sentiu ou se violentou muito.

AUGUSTO: Ou se violentou muito. Continua na história do Flávio as duas possibilidades.

JOÃO: As duas versões.

AUGUSTO: É. Eu conversei com vários amigos jornalistas dele, inclusive esse do Geraldo Elísio, pra quem você dedicou esse livro, e ele fala que o Flávio não falava nada, sabe? Não falava nada...

JOÃO: Não falava nada mesmo.

AUGUSTO: Não falava nada mesmo! Continuou, desciam, trabalhavam no jornal à noite, desciam para ir comer alguma coisa à noite e comentava de tudo, mas não tratava desse assunto, era um assunto tabu.

JOÃO: Fechado.

AUGUSTO: Era um assunto fechado.

MANOEL: O não tratar também não é normal, quer dizer, significa que tava, que não tinha administrado também tão bem.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Uma pergunta, João. Eu li nos relatos que na cena do crime havia muita bebida alcoólica e cartelas de remédio controlado.

MANOEL: O Jorge escreve isso, parece, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O João, é, parece que registra isso no seu livro (trecho incompreensível).

JOÃO: É só bebida, remédio eu não tenho conhecimento nenhum.

MANOEL: Você não tem conhecimento que ele tomava?

JOÃO: Nenhum, nenhum.

AUGUSTO: O depoimento dele...

MANOEL: Tinha duas garras ou três em cima da mesinha.

JOÃO: É, uma coisa assim.

MANOEL: É. Nem é muita, né. Seria...

AUGUSTO: Mas a mulher, eu acho que você faz uma referência ao remédio, viu. Eu acho que você faz. Mas tem os jornais do dia seguinte, registram uma, registram sem identificar o nome, uma testemunha disse que teria conversado com a Doraci no domingo à noite, e que ela disse que não estava conseguindo dormir e que ia tomar remédio pra dormir.

MANOEL: E domingo foi o da morte?

AUGUSTO: É.

MANOEL: O dessa noite foi a morte?

AUGUSTO: Foi essa noite, é.

MANOEL: Foi a última.

AUGUSTO: É. Ela telefona às...

MANOEL: Conversou por telefone.

AUGUSTO: Telefone, telefone às 18h00min, ela fala que tava muito inquieta, que ela não tava conseguindo dormir, que ela ia tomar remédio. Às 20h00min horas da noite, essa pessoa não é identificada na reportagem, engraçado.

MANOEL: E o inquérito sobre a morte? Não conseguiu ter acesso?

AUGUSTO: Consegui ter acesso também. Mas aí ela fala, nesse segundo telefonema, a pessoa, a interlocutora dela no telefone fala assim: “e o revólver?”, sabe? “Esconde o revólver”, ela fala: “não, não há necessidade de esconder o revólver, tá tudo tranquilo”, então tem isso na matéria do jornal no dia seguinte, a matéria do jornal já trata sem identificar.

MANOEL: Induzindo uma versão, né. A matéria parece que induz uma versão, né.

AUGUSTO: É, de que já teria, e o interessante é que não cita, não, a testemunha não fala: “fulana de tal”, né. Porque que a reportagem não identifica?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu tive essa mesma impressão.

MANOEL: A reportagem não diz quem foi o interlocutor que conversou com ela?

AUGUSTO: É. Fala que teve...

MANOEL: Teve uma ligação, mas não fala quem foi. E como que a reportagem sabe disso e não identifica a fonte?

AUGUSTO: Não identifica.

MANOEL: Tá induzindo versão, né. Dá essa sugestão, né. A leitura da reportagem.

AUGUSTO: É, um fato tão importante, que a reportagem não fala quem é. Então tem essas coisas. Tem outros problemas assim que... Pólvora na mão esquerda, cê sabe disso, não sei se cê sabe disso.

JOÃO: Não.

AUGUSTO: O laudo toxicológico não identifica nada no corpo nem do Flávio nem da Doraci, apesar da caixa de anpax estar lá vazia.

MANOEL: Ele era destro ou canhoto? Cê tem essa informação?

JOÃO: Ele era destro.

AUGUSTO: Era destro. O revólver está na mão direita dele, tem as fotos do inquérito, tá na mão direita e ele tá virado em cima do ombro esquerdo, com o revólver aqui, né. E o inquérito aponta pólvora na mão esquerda. Isso é uma contradição, assim, complicada, né.

MANOEL: E o exame, a perícia não informa vestígio toxicológico.

AUGUSTO: Não, informa que não tem.

MANOEL: Nem de álcool?

AUGUSTO: De nada. Nada foi encontrado.

MANOEL: Nos corpos de nenhum dos dois?

AUGUSTO: Nenhum dos dois.

MANOEL: É muito estranho.

AUGUSTO: E essa é a grande contradição. A outra contradição que a filha aponta, aponta é que ela chega, a Glauce, né, a Glauce chega e estão os corpos descobertos, e ela vê os corpos, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Quantos anos? Três anos de idade?

AUGUSTO: Nove.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Nove anos? Não, então ela já sabia.

AUGUSTO: É, nove anos. E a primeira foto que a polícia... A polícia tem as fotos de como a cena estava. E depois a cena deles descobertos para melhor identificar a posição dos corpos. E a primeira foto são os corpos cobertos. Então...

MANOEL: E ela fala que achou...

JOÃO: É estranho, viu.

MANOEL: Descobertos?

AUGUSTO: Descobertos.

MANOEL: Dá a ideia que cobriram pra tirar fotografia.

AUGUSTO: Dá ideia de que cobriram. Algumas pessoas entram no quarto antes da chegada da polícia. Talvez algum vizinho tenha cobrido, né. Fica sempre essa... Você não pode apontar essa como a causa...

MANOEL: Isso, é. Se já entraram alguns, podem ter alterado a cena.

AUGUSTO: É, alguém chegou, alguma vizinha que foi lá e viu aqueles corpos descobertos, o Flávio de cuecas, a mulher de, aparecendo a calcinha, baby doll curto, alguém que chega e cobre, porque é muito estranha, se ocê olhar e falar assim: "isso tá errado, ninguém atira no outro...

MANOEL: Vestido e embrulhado, né.

AUGUSTO: E depois puxa o cobertor.

MANOEL: E ela relata se houve barulho durante a noite?

AUGUSTO: Pois é, a arma tem um silencioso, ela relata um silencioso na arma, que ninguém ouve nada, né. Ninguém ouve nada. A parte do inquérito que tá anexada ao processo dá a descrição da arma, mas não fala de um silencioso, mas a Glauce lembra. Eu tô tentando ver se eu consigo esse inquérito completo.

MANOEL: Porque que o Flávio teria um silencioso em casa? Pessoas particulares não usam silencioso.

AUGUSTO: Não é um matador de aluguel, não é...

MANOEL: É, pessoas particular, todo mundo que tem uma arma só tem uma arma, não tem silencioso.

AUGUSTO: Era natural que ele tivesse uma arma.

MANOEL: É, mas não um silencioso.

AUGUSTO: Viajando muito, né.

JOÃO: É, isso.

MANOEL: Sendo perseguido pelo regime, né.

AUGUSTO: É.

MANOEL: Mas não um silencioso, não com ele. Ele não tem história na polícia, não era detetive, né. A história dele é outra.

AUGUSTO: É.

MANOEL: Não é normal usar silencioso, não.

AUGUSTO: É. Isso deixa o revólver mais comprido, mais difícil de portar, né.

MANOEL: É, não é normal. A gente tenta esconder, né?

AUGUSTO: É, ninguém quer parecer que está armado, né. Ninguém...

MANOEL: E esse negócio de matar com silêncio, nenhum de nós precisa disso. Ainda que a gente use arma, vamos supor que use, mas é pra defender, não é pra matar com silêncio, né? Muito estranho.

AUGUSTO: Com relação à ligação do Flávio, com relação à ligação do Flávio com as ligas camponesas, ele tem essa ligação com as ligas camponesas antes de ser candidato a prefeito? Quando ele tava lá em Corinto, ele já tinha essa ligação ou o senhor soube alguma coisa dele mesmo como simpatizante participar dessas reuniões com as ligas camponesas?

JOÃO: Não, a amizade dele com o pessoal da liga camponesa se formou em Três Marias. Quando ele foi eleito prefeito, tinha o Randolpho, Randolfão, que teve um atrito com um fazendeiro, Neném da Peleca, Olídio Gonçalves de Melo, conhecido como Neném da Peleca. O Randolpho desentendeu mais o Neném da Peleca, que tinha um terreno ali do Beira Rio, depois da ponte. Quando plantou a roça, uns 50 camponeses mais ou menos que o Randolpho liberava, eles foram fazer a partilha, o Randolpho dizia que era meia, o Neném da Peleca dizia que era, a combina, era a terça, terça parte pra eles e dois terços pra ele, pro Neném da Peleca. O Randolpho ia muitas vezes à prefeitura trocar ideia com o Flávio, o Flávio funcionava como uma espécie de um advogado, apesar que não era, não tinha noção nenhuma de direito, mas era um homem instruído, o Randolpho era analfabeto, era o líder dos camponeses, e procurava o Flávio para orientação, e ele lá montado a cavalo, parava o cavalo de frente a casa do fazendeiro, que era de frente a prefeitura, ostensivamente, mostrando poder, força, amizade com o prefeito, isso eu vi várias vezes. Mas foi aqui em Três Marias, essa amizade nasceu depois que ele foi eleito prefeito de Três Marias, ele veio conhecer o Randolpho aqui porque as terras são aqui, aliás, são só do Abaeté, do outro lado do rio.

AUGUSTO: Antes disso, nenhuma ligação?

JOÃO: Nenhuma ligação. Não tinha nenhuma ligação com camponeses.

AUGUSTO: Além dessa ligação com Randolpho, ele também ia ao acampamento das ligas camponesas?

JOÃO: Não. Não ia, não, o Randolpho que ia na prefeitura.

AUGUSTO: Uhum. Tem uma, a Comissão da Verdade é dividida em seis, sete subcomissões e cada uma delas trabalha com um tema. E tem um tema, que são os trabalhadores rurais, e a Telma, que é uma pessoa que trabalha com esse tema...

MANOEL: Ela me ligou, falou comigo longamente.

AUGUSTO: Sim. Eu demorei a vir cá, né. Eu queria vir cá muito antes, e demorei porque a Telma viria, e depois a Telma desistiu de vir e aí eu vim sozinho, vim sem ela. Ela me mandou umas

perguntas pra vocês. Sem distinguir qual que é de um, qual que é do outro. Ela escreve assim: “Para João”, então deve ser uma pergunta pra você, João. “No livro ‘Memórias de Três Marias’, o senhor conta que seu pai trabalhou na zona rural e que moraram numa casa do Neném da Peleca, na margem esquerda do rio São Francisco, conta isso na página 60”, a pergunta dela é a seguinte: “essa casa ficava em São Gonçalo do Abaeté, no atual bairro Beira Rio, você sabe da história desse bairro e como esse bairro está atualmente?”?

JOÃO: Sei. Quando meu pai veio trabalhar aqui em Três Marias, nós morávamos em Morada Nova de Minas, 60km para aqui rio acima. De fato nós moramos em uma casa situada, do Neném da Peleca, situada no município de São Gonçalo do Abaeté, que é do outro lado do rio, uns três meses, até meu pai ganhar, fazer um rancho aqui no acampamento das obras, pra gente mudar, porque era muito difícil levar almoço pra ele de canoa, atravessar o rio todo dia. Eu que remava a canoa, minha mãe fazia o almoço, eu punha na marmita, eu pegava uma canoa dos pescadores emprestado e levava almoço pro meu pai. Então é verdade que nós moramos na casa do Neném da Peleca, mas foram seis meses apenas, depois mudamos aqui pro acampamento das obras e nunca mais tivemos contato com o Neném da Peleca.

AUGUSTO: E o bairro existe ainda?

JOÃO: O bairro existe. O bairro...

MANOEL: Agora que ele existe mesmo, consolidado. João, eu conversei longamente com Telma a esse respeito, o interesse de Telma é sobre a origem da titularidade das terras e que está no cenário do conflito. Se essas terras dali do outro lado, segunda a Telma, elas deveriam ser devolutas. A pergunta, a questão é se elas eram de domínio escriturado do Senhor Neném...

JOÃO: Isso eu não sei.

MANOEL: Ou se eram terras devolutas e ele era grileiro, tivesse apossado dessas terras. E a origem do bairro, quem que teria, se teria surgido o bairro como mera ocupação de pessoas sem terra, como eram inicialmente os próprios integrantes da Liga, ou se alguém vendeu essas terras, se apropriou dessas terras, registrou e vendeu. Mais é a questão da terra que ela tá querendo saber lá. Eu disse que eu não tinha informação, e que talvez...

JOÃO: Eu também não tenho informação, a terra é do fazendeiro Neném da Peleca. Agora...

MANOEL: Se ele era grileiro, se ele tinha título ou não tinha, cê não sabe nada disso?

JOÃO: Sei nada disso.

MANOEL: Eu até recomendei que ela fizesse essas pesquisas lá no cartório de São Gonçalo.

JOÃO: Isso.

MANOEL: Aqui a gente não tinha nenhuma informação sobre isso, que aquilo era de outro município. Agora que o bairro tá consolidado mesmo, sabe? Lá é quase uma cidadezinha.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Oh, Manoel, eu tô vendo aqui, talvez você vai assimilar melhor do que eu. Eu proponho que o assunto das ligas camponesas fosse na segunda etapa...

MANOEL: Sim.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Pra ver se a gente tem um tempinho de fazer alguma visita, talvez dona Ivanilde, que foi um personagem levantado aqui no meio do assunto...

MANOEL: Sim.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E o Norberto confirmou a presença dele na reunião da tarde.

MANOEL: Sim.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas aí a gente para pra um almoço...

MANOEL: Ele pode ter informação a esse respeito.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Pode ter essa informação.

MANOEL: O Norberto é morador lá, como que eles adquiriram aquelas terras, de quem que eles adquiriram...

JOÃO: Isso, isso.

MANOEL: Se tem origem, se eles têm escritura, se fez só compra e venda, né, o Manoel Roberto tá aqui...

AUGUSTO: Aqui cita o Raimundo Linguça, eu sei onde ele mora, pra tentar fazer uma visita a ele.

MANOEL: Uhum, pra ver se ele consegue falar, né.

AUGUSTO: É, e se ele não falar, pra registrar também que ele não falou e porque, acho que é importante então dividir em duas etapas e você finalizar com o João.

MANOEL: Houve um rapaz aqui, Augusto, que como o João foi secretário particular do Flávio, ele foi meu companheiro no início do nosso movimento aqui, movimento do PT, foi o Edson Mendes. Ele me dizia que tinha sido secretário particular do Randolpho, que ele trabalhava com o Randolpho lá na Liga lá, cê tem registro disso? O Edson Mendes?

JOÃO: Não, tenho não.

MANOEL: Tem não, né. Mas ele me dizia que era secretário do Randolpho, trabalha com o Randolpho...

JOÃO: O Randolpho era sozinho...

MANOEL: Quando ele era juvenzinho, quando ele era juvenzinho, o Edson, né. Ele ia sozinho a prefeitura. Mas sobre a atividade dele lá, você também não acompanhava, né?

JOÃO: Lá...

MANOEL: Lá do outro lado.

JOÃO: Lá eu nunca fui.

MANOEL: Agora, esse Edson Mendes faleceu jovem ainda, ele não era muito idoso, adoeceu e morreu, né, o Edson do hotel. E a família dele não sabe de nada.

AUGUSTO: A pergunta feita da Telma: “o senhor se lembra de um grupo escolar e de um banco de crédito fundado em 63 pelo Sindicato dos Trabalhadores na lavoura em Três Marias? Sabe o que aconteceu com esse grupo escolar e com o banco de crédito após o Golpe militar?”.

JOÃO: Não, eu não sei, não sabia.

AUGUSTO: Cê não sabia da existência...

JOÃO: Não sabia da existência desse banco.

AUGUSTO: E nem do grupo?

JOÃO: E nem do grupo. Eu não sabia.

AUGUSTO: Uhum. Tá muito bom, eu acho que as outras são mais pra você.

JOÃO: Tá bom.

AUGUSTO: Testemunha viva da história aí, né.

MANOEL: Mas é interessante, olha, Augusto, agora só comentando... Nenhum de nós daria conta de, nem o João não deu, eu não daria e você não daria conta de fazer essa adaptação, passar por essa adaptação que o Flávio passou. E ele parece, não revela isso, não parece que deu conta bem também, que não conversava a respeito. Esse não conversar...

AUGUSTO: É muito sintomático.

MANOEL: É muito sintomático, né? Não conversou com o Elísio, não conversava com o João, não conversava com ninguém sobre isso. Então, é muito estranho.

AUGUSTO: Sabe uma coisa que eles falam? Que ele gostava de falar da época que ele era prefeito, mas ele não fazia referências à interrupção.

MANOEL: A essa fase. Então ele não se adaptou. Ele tava com uma violência sobre si mesmo amarrada. E isso é terrível, né. Eu comentei isso com Telma.

AUGUSTO: É, né.

MANOEL: Esses tipos de trauma, isso é incontrolável. Na hora que isso aflora, eu vou te contar!

AUGUSTO: Oh, João, eu morro de vontade de ser um, de escrever um livro, sabe? Eu tenho maior inveja. Inveja boa, né.

JOÃO: Sei.

AUGUSTO: De quem consegue escrever um livro. Eu já tentei....

MANOEL: Já começou.

AUGUSTO: Mas não sai das duas primeiras páginas. Essa foto é o Flávio?

MANOEL: Quem é esse aqui?

JOÃO: Sou eu.

AUGUSTO: Mas o que eu consegui fazer...

MANOEL: Isso daí é o amigo do Odilon que fez?

JOÃO: Não, é um amigo do Cris, de Belo Horizonte.

AUGUSTO: O que eu consegui fazer foi uma tradução, que tradução é uma coisa que quem não consegue escrever, faz uma tradução. Tem um livro que eu traduzi, eu até trouxe um exemplar pra você.

JOÃO: Ah, certo.

AUGUSTO: Grosso demais, ninguém merece...

MANOEL: É tão difícil quanto escrever, talvez mais. Traduzir é difícil.

AUGUSTO: É, mas pode traduzir mal, né? Ninguém fica sabendo que você traduziu. Que é o caso desse.

MANOEL: Eu li um caso de uns tradutores, por exemplo, traduzir João Rosa para o alemão, ou traduzir Joyce para o português...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: São coisas possível...

AUGUSTO: Eles falam que a palavra em italiano, "traduzir" é "trair", né, que uma é *traditore* e *traduttore*. Trair é *traditore*...

JOÃO: *Traditore*.

AUGUSTO: E traduzir é *traduttore*, é quase a mesma coisa.

MANOEL: Uma letrinha, né.

AUGUSTO: Uma letrinha.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Eu queria tirar uma foto de vocês.

MANOEL: Ah, oficial, né.

AUGUSTO: Então fica dali que a gente fica daqui.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADO: Acho que lá fora é melhor, né? Mais claro.